

Artesanato em lã no território do Pampa Gaúcho: Influências das políticas públicas, do cooperativismo e do associativismo em São Gabriel (RS)

Wool crafts in the Pampa Gaucho territory: Influences of public policies, cooperativism and associativism in São Gabriel (RS)

Daiane Loreto de Vargas

E-mail: loretodevargas@gmail.com

Tecnóloga em Agropecuária (UERGS), Doutora em Extensão Rural (UFSC) Pós-Doutoranda em Geografia (UFSC)

Cesar de David

E-mail: cdedavid2009@gmail.com

Geógrafo (UFSC), Doutor em Geografia (UFSC) e PhD. Université du Maine - Le Mans (França). Professor do Departamento de Geografia e Geociência da UFSC

Recebido em: 05/04/2018
Aprovado em: 23/05/2018

Revista do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (UFV)

ISSN 2359-5116 | V. 7 | N.1 | JAN.-JUN.2018

RESUMO

O artigo discute sobre o processo artesanal em lã do pampa gaúcho, com base em um estudo empírico realizado no município de São Gabriel (RS). Contextualiza as interações entre os saberes e os fazeres das mulheres rurais artesãs, os processos, as técnicas, a relação com o mercado, a história e as experiências/vivências dessas artífices. Além disso, o trabalho destaca as influências de algumas políticas públicas sobre o artesanato local, os avanços e retrocessos das intervenções de programas de governo a nível estadual e federal, o papel da extensão rural na comunidade e a organização social das artífices, as quais interagem com uma associação e uma cooperativa do município.

Palavras-Chave: Saber-fazer Artesanal; Mulheres Artesãs; Organização Social; Programas Públicos de Incentivo.

ABSTRACT

The article discusses the artisanal wool process of the pampa gaúcho, based on an empirical study in the municipality of São Gabriel (RS). It contextualizes the interactions between the knowledges and actions of the rural women artisans, the processes, the techniques, the relation with the market, the history and the experiences of these craftsmen. In addition, the work highlights the influence of some public policies on local crafts, the advances and setbacks of state and federal government program interventions, the role of rural extension in the community and the social organization of artisans, which interact with an association and a cooperative of the municipality.

Keywords: Know-how Crafts; Artisan Women; Social Organization; Public Incentive Programs.

Introdução

O fazer artesanal é notadamente um saber cultural do pampa gaúcho. Embora com agregação de novos conhecimentos, os produtos das habilidades manuais de homens e mulheres refletem técnicas tradicionais desse território. São considerados saberes que se perpetuam no tempo, remetem à memória e produzem uma identidade dos sujeitos envolvidos, formando o patrimônio cultural da região.

O artesanato em lã é materializado através de práticas, expressões, formas de fazer e produtos que remetem à história do lugar onde vivem os sujeitos. No pampa gaúcho, ele enfatiza dinâmicas produtivas e reproduz o legado de um patrimônio cultural produzido no meio rural, fazendo uso contemporâneo de elementos tradicionais, do conhecimento de técnicas aprendidas no passado e dos elementos da paisagem, tal como a matéria-prima disponível, a lã ovina (VARGAS, 2016).

A ovinocultura é uma atividade tradicional nessa região. A criação de ovelhas propicia alto rendimento em pequenas áreas, uma alternativa ao pecuarista familiar e à permanência das famílias no campo. O rendimento da criação decorre da comercialização do borrego, da ovelha para o abate e da lã destinada à confecção de peças de forma artesanal.

A fibra animal, extraída através da tosquia ou esquila, é um importante elemento na construção do saber-fazer artesanal feminino. A lã é uma matéria-prima de fácil acesso para as mulheres em função da abundante criação de ovinos no local e em todo o território sulino¹. Os ovinos são animais com boa adaptação aos campos nativos, os quais possuem vegetação rasteira e de fácil pastejo para a espécie, que se adapta facilmente ao clima, à vegetação e ao relevo da metade sul do Estado.

São Gabriel está localizado junto à BR-290, a 320 quilômetros de distância da capital Porto Alegre, na região da campanha, e possui uma população estimada em 60 mil habitantes (IBGE, 2010). A cidade é servida pela BR-290, que liga a cidade a Porto Alegre e também à fronteira com o Uruguai e com a Argentina. O município tem sua base econômica na produção agropecuária, em que predominam a produção de arroz, soja e gado de corte (PREFEITURA DE SÃO GABRIEL, 2018).

¹ O território sulino refere-se aqui ao espaço físico do bioma campos sulinos ou pampa, presente no Rio Grande do Sul e nos países Uruguai e Argentina, ocupando 63% do território do Estado (CHOMENKO, 2017).

O espaço rural do município é dividido em sete distritos, entre eles o distrito de Catuçaba, onde está a comunidade do Faxinal. Esta está inserida em um local que possui fortes elementos históricos, os quais oportunizam a região como promissora na prática e no saber do artesanato rural e tradicional em lã e couro. A comunidade destaca-se no município pela sua organização social, através da Associação de Agricultores Familiares e Artesãos do Faxinal, Rincão de Santa Catarina e Timbaúva (AFARTI), e pela produção artesanal, com a utilização da lã de ovelha como matéria-prima para a produção das peças.

A partir desse cenário, foi realizada uma pesquisa de campo junto às artesãs da comunidade do Faxinal, a qual buscou, de forma objetiva, entender o contexto do artesanato em lã e, de forma específica, compreender os principais fatores que proporcionaram o desenvolvimento local da comunidade a partir da prática do saber-fazer artesanal em mulheres. Com base nos resultados do estudo de campo, é possível destacar quatro fatores relevantes: os saberes das mulheres rurais, a influência das políticas públicas, as quais geraram avanços e retrocessos para o artesanato rural, a organização social em associação e a participação cooperativa.

Quanto ao aspecto metodológico, foi realizada pesquisa de campo entre os anos de 2017 e 2018 na localidade citada, cujo público-alvo foram as artesãs, o artesão e presidente da AFARTI e a extensionista de bem-estar social da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/ASCAR) do município. A pesquisa configura-se como um estudo de caso de caráter qualitativo. As técnicas utilizadas para a coleta de dados foram a entrevista semiestruturada, juntamente com momentos de diálogo aberto², observação e registro fotográfico. Além da pesquisa empírica, se fez necessária uma pesquisa bibliográfica, a fim de resgatar dados de fontes secundárias sobre a temática, destacar conceitos importantes relacionados ao tema e discutir de forma conceitual os resultados empíricos obtidos.

O presente estudo justifica-se pela relevância do tema junto à sociedade. Os saberes tradicionais do artesanato em lã fazem parte do patrimônio cultural do território do pampa, perpetuando-se através das gerações, da memória e da tradição, expressando bens e valores materiais e imateriais. Nesse sentido, se faz relevante a pesquisa acadêmica a fim de preservar e divulgar esses saberes, tendo em vista que os artefatos produzidos

² As entrevistas e o diálogo foram realizados em dois momentos de visita à comunidade e à cidade de São Gabriel, além de várias conversas telefônicas e encontros com as artesãs no meio urbano. Essas ações foram realizadas nos anos de 2017 e 2018. Como foram realizadas entrevistas e um diálogo aberto junto aos sujeitos da pesquisa, no decorrer do texto as artesãs serão identificadas com nomes fictícios, os demais sujeitos serão identificados como o presidente da associação AFARTI e a extensionista rural.

artesanalmente nesse espaço efetivam-se enquanto parte da identidade dos sujeitos desse local, especialmente da mulher rural.

O presente trabalho está estruturado, a partir da parte introdutória, em três seções de discussão teórico-empírica, quais sejam: a) Artesanato em lã no território do pampa gaúcho: “o saber-fazer das mulheres artesãs”; b) Políticas públicas e o artesanato do pampa gaúcho: avanços e retrocessos no cenário de São Gabriel; c) Cooperativismo e associativismo: contribuições e desafios para o artesanato em lã em São Gabriel. Por fim, apresentam-se as considerações finais.

Artesanato em lã no território do Pampa Gaúcho: “o saber-fazer das mulheres artesãs”

O processo artesanal em lã no pampa gaúcho possui alguns séculos de história e é reconhecido pela sua importância cultural. A atividade artesanal apresenta-se como uma identidade do Estado, a qual constrói-se pautada em alguns elementos peculiares do mesmo: o saber-fazer das mulheres rurais, a disponibilidade da lã como matéria-prima e o frio nos meses correspondentes ao outono e ao inverno.

Importante ressaltar que o saber-fazer corresponde a uma série de conhecimentos, aptidões e técnicas adquiridos por alguém ou por um grupo, geralmente através da experiência e da vivência prática, e transmitidos e dinamizados entre os grupos sociais (TEDESCO, 2012). Aqui, os saberes estão relacionados ao processo artesanal em lã, adquiridos através do tempo e da história dos sujeitos e reproduzidos na contemporaneidade.

As técnicas artesanais com a utilização da lã como matéria-prima são historicamente atribuídas às mulheres. Dentre as várias atividades exercidas pelo sexo feminino, destacam-se os afazeres domésticos, o cuidado com a casa e com a família, “internalizados”, embora de uma forma impositiva, como responsabilidade exclusiva delas. As mulheres desenvolveram várias capacidades, dentre as quais a arte de lavar a lã, realizar a cardagem da fibra animal, fazer o fio e tecer as peças, confeccionando, assim, vestes e demais artefatos de caráter utilitário para o uso cotidiano da família.

Na interpretação de Lody (1983, p. 14), “a mulher assume os cuidados da família, da cozinha e do artesanato de subsistência, onde se inclui a tecelagem pelo seu sentido primeiro de útil e necessário”. Para Paixão e Eggert (2011), o fato de exercer os serviços

domésticos era algo naturalizado para a mulher, sendo frequente, no cotidiano delas, o aprendizado de várias habilidades manuais, bem como a destreza e a criatividade nos seus afazeres. Esse aprendizado era comum em todas as idades e repassado através das gerações (filhas, mães e avós) pela prática da observação, da vivência do cotidiano e do aprender a fazer fazendo.

Tais observações também foram realizadas por Saint-Hilaire (1987) quando o viajante visitou o Rio Grande do Sul. Ele observou a produção artesanal em lã realizada pelas mulheres no Estado e destacou que elas confeccionavam ponchos³ grosseiros e comercializavam alguns deles em Porto Alegre e Rio Grande a preços de seis patacas, ou seja, um valor irrelevante. Na interpretação do viajante, o trabalho artesanal em lã praticado pelas donas de casa era social e economicamente desvalorizado, pois a comercialização referida pelo mesmo não era significativa no sentido de as mulheres obterem independência econômica em relação ao homem.

Elas exerciam suas funções artesanais como trabalho complementar e secundário, nada significativo em relação à obtenção de ganhos elevados. Todavia, o provimento de várias das vestimentas utilizadas pela família dependia delas, as quais confeccionavam peças quentes para o frio rigoroso, característico do Estado nas épocas de outono e inverno. Para o uso feminino, as principais peças tecidas em lã eram os xales e as mantas, já para os homens, eram os ponchos e palas, mas também eram confeccionadas cobertas (cobertores) de lã para aquecer as noites frias e, ainda, algumas peças para o trabalho no campo, como o xergão e o pelego, dois itens utilizados sobre o cavalo na lida campeira.

Na contemporaneidade, é relevante destacar que as confecções em lã, que elas continuam produzindo, não possuem mais aquele sentido de uso do passado, quando as pessoas mais humildes utilizavam peças rústicas por necessidade ou por não possuírem recursos para adquirir confecções industrializadas. Segundo Côrtes [19--], os ponchos rústicos, produzidos com a lã em seu estado natural e sem tingimento dos fios, eram destinados para os negros, índios e trabalhadores das fazendas, já aqueles mais abastados economicamente, adquiriam peças industrializadas e importadas da Europa.

³ O poncho é um “pano retangular de dois metros de comprimento por mais ou menos um de largura, com um orifício no meio para passar a cabeça” [CÔRTEZ, 19--, p. 236]. Feito com lã grossa, quase sempre de coloração escura, com forma circular ou ovalada, possui gola alta e protege contra a chuva e o frio. Por muito tempo, foi confeccionado somente por teares caseiros, pela fiação e tecelagem realizada por mulheres (FAGUNDES, 1995). Os homens mais abastados economicamente, estancieiros, charqueadores e fazendeiros, usavam ponchos vindos da Inglaterra, país que também comercializava ponchos com Uruguaios e Argentinos [CÔRTEZ, 19--].

Da mesma forma configurava-se a utilização dessas confecções pelas mulheres. Os xales e as mantas produzidos pelas artesãs eram peças de características rústicas e texturas desuniformes, utilizadas pelas mulheres do meio rural, pela camponesa ou trabalhadora rural. É importante definir quem era essa mulher, a fim de diferenciá-la da estancieira, a qual também utilizava vestimentas vindas da Europa (ZATTERA, 1999).

Essa diferenciação é importante ser ressaltada, a fim de interpretar os fatos sociais relacionados à utilização dos produtos artesanais no passado. A mulher estancieira utilizava vestimentas importadas, confeccionadas pela indústria, e tal fato proporcionava-lhes prestígio social, enquanto o produto confeccionado artesanalmente pela mulher rural e camponesa era considerado de baixo valor e padrão de qualidade, sendo, portanto, desprezado no sentido comercial. Dessa forma, quem utilizava tais produtos era reconhecido socialmente como pobre.

Entretanto, com o passar do tempo, tais questões foram ressignificadas. No cenário contemporâneo, os produtos artesanais em lã passaram a ser valorizados no mercado simbólico dos produtos gauchescos. O artesanato vem ganhando uma nova conotação. As peças rústicas passaram a ser valorizadas em um mercado, muitas vezes em alguns “nichos de mercado”, frequentado por turistas e/ou por consumidores que atribuem simbolismos aos produtos, conferindo aos mesmos uma identidade. Esse fato é evidenciado quando se analisa o público consumidor das confecções em lã, anteriormente caracterizado pelo público masculino, especialmente homens que tinham por ofício a “campereada”, a lida com o gado, e seu expressivo uso de ponchos e palas. Ou seja, antes verificava-se o sentido de uso voltado aos afazeres cotidianos. Já no cenário contemporâneo, as mulheres formam a maior parcela do público consumidor das peças e vestimentas artesanalmente confeccionadas em lã.

O conhecimento das artesãs, adquirido através da busca de novas técnicas, foi sendo incorporado às peças. Aquele produto rústico do passado deu origem a um de melhor padrão de qualidade que, embora tradicional, possui autenticidade e exclusividade, características intrínsecas ao artesanato.

A percepção dos autores supracitados, em parte, precisa ser relativizada, respeitando o período histórico das análises, tendo em vista que o artesanato em lã atualmente se constitui em alternativa de trabalho e renda para artesãs, urbanas e rurais, busca de conhecimento, aprimoramento e autonomia e, ao mesmo tempo, torna-se uma

ferramenta de reintegração e motivação para muitas mulheres artífices, ao contrário do cenário que se configurava no passado.

Para Tedesco (2012), vários produtos elaborados no meio rural pela agricultura familiar, como é o caso dos artigos artesanais, demonstram interfaces estreitas entre o rural e o urbano, pois a eles são agregados aspectos da tradição com e para a modernidade. Portanto, as mulheres preservam seus saberes tradicionais e seu patrimônio cultural, buscando inserir os produtos confeccionados em lã em dinâmicas mercantis convencionais, expressas em práticas empreendedoras, com base na mão de obra familiar e na matéria-prima disponível no território.

Esse novo cenário de produção e comercialização de vestimentas em lã, fruto do saber-fazer das mulheres, pode ser encontrado em vários municípios do pampa, entre eles: Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Santana do Livramento e São Gabriel. Em Caçapava do Sul, mais especificamente na Vila Progresso BR-290, o artesanato está estruturado há mais de três décadas. O trabalho feminino evoluiu para uma atividade familiar, em que mulheres, homens, filhos e outros familiares possuem na confecção e na comercialização de palas, ponchos, xales, cobertores, dentre outros produtos, a principal fonte de renda da família.

No município de Lavras do Sul, um grupo de mulheres artesãs trabalha com a lã ovina há mais de quinze anos. Envolvendo pessoas de oito comunidades distintas, o trabalho é realizado em grupo e conta com a mão de obra de várias mulheres e, por vezes, alguns homens também participam da atividade. São confeccionados *souvenirs*, xales, boinas, chapéus, xergões, mantas e almofadas, com técnicas diferenciadas, com a utilização do tear, da grampada, do tricô e/ou crochê. O artesanato em lã, em Lavras do Sul, possui o apoio da extensão rural, através da atuação da EMATER/ASCAR, que busca constantemente cursos de aperfeiçoamento para a atividade.

Outro município do pampa onde se destaca a produção artesanal em lã é Santana do Livramento, onde um grupo de mulheres assentadas da reforma agrária iniciaram a atividade no ano de 2005, realizando a fiação, o tingimento, a tecelagem e a comercialização dos produtos confeccionados. Entre os principais, encontram-se os artigos tradicionais da cultura gaúcha, como pala e xergão, e ainda, cobertores, coletes, mantas, ruanas⁴, entre outros. A comercialização das peças ocorre na Casa de Economia

⁴ A ruana é uma peça de uso feminino, um tipo de “casaco” solto e sem mangas com formato de manto, que pode ser utilizado em cima de outras peças de vestuário, e possui uma forma quadrada ou retangular com uma abertura no centro para passar a cabeça.

Solidária (ECOSOL) em Santana do Livramento ou diretamente com o consumidor, sob encomenda, contribuindo de forma significativa para a complementação da renda dessas mulheres e de suas famílias.

Em São Gabriel, o grupo de artesãs da comunidade rural de Faxinal trabalha há mais de vinte anos com o artesanato em lã, confeccionando e comercializando peças diversificadas, voltadas ao público feminino, como ruanas, palas femininos, pelerines, mantas, entre outras, e produtos de excelência na lida do campo, como o xergão. A iniciativa partiu delas, tendo em vista a necessidade de buscarem rendimentos econômicos para complementar a renda familiar. O apoio da extensão rural, através da EMATER/ASCAR do município, foi fundamental, pois mediou a organização de cursos de aperfeiçoamento, para ampliar o conhecimento dessas mulheres sobre as técnicas de confecção das peças e construir caminhos de comercialização dos produtos.

Nesse sentido, é nítida a evolução da atividade artesanal ao se contextualizar os cenários do passado e do presente. No contexto contemporâneo do artesanato em lã no pampa gaúcho, percebe-se que as mulheres rurais se apropriaram de seus saberes tradicionais relacionados à fibra animal, aprendidos com as gerações passadas. Tais saberes foram transformados, através do aperfeiçoamento das técnicas de produção, em uma atividade rentável, que preserva aspectos culturais e tradicionais do pampa, muitas vezes em reduzida estrutura fundiária (TEDESCO, 2012). Utiliza-se a mão de obra e o saber feminino e forma-se um amplo conjunto de ações, processos produtivos e estratégias de comercialização, valorizando as coletividades territoriais e a reciprocidade entre os sujeitos das comunidades onde estão inseridos.

Políticas públicas e o artesanato do Pampa Gaúcho: avanços e retrocessos

As políticas públicas são ações e programas desenvolvidos pelo Estado para garantir e colocar em prática direitos da sociedade.

Políticas públicas são diretrizes, princípios norteadores de ação do poder público; regras e procedimentos para as relações entre poder público e sociedade, mediações entre atores da sociedade e do Estado. São, nesse caso, políticas explicitadas, sistematizadas ou formuladas em documentos (leis, programas, linhas de financiamentos) que orientam ações que normalmente envolvem aplicações de recursos públicos (TEIXEIRA, 2002, p.2).

Quanto às políticas e aos programas direcionados para o segmento artesanal no Rio Grande, pode-se dizer que os mesmos surgiram na década de 1970 (Século XX), através de ações da Fundação Gaúcha do Trabalho e Ação Social (FGTAS), com o Programa Gaúcho do Artesanato (PGA), voltado principalmente para o reconhecimento dos artesãos como uma categoria de trabalhadores e para a promoção da capacitação dos mesmos, embora ainda dispusesse de medidas tímidas em relação ao segmento no Estado.

A atividade artesanal em lã no cenário do pampa tornou-se alvo de ações públicas mais efetivas, especialmente no sentido de construir canais de comercialização, como no caso de alguns programas de nível federal e estadual de caráter temporário.

No cenário de São Gabriel, a atividade tornou-se relevante no aspecto econômico e comercial a partir dos anos 2000, e quatro fatores foram relevantes nesse sentido: o trabalho da extensão rural junto às mulheres rurais, o investimento do Programa RS/Rural, a intervenção do Programa Talentos do Brasil e a organização da atividade em forma de associação e a articulação com uma cooperativa do município. Tais fatores serão tratados separadamente nas próximas seções.

A extensão rural e as mulheres rurais

Através do trabalho da extensionista de bem-estar social, a extensão rural desenvolve ações com as mulheres da comunidade de Faxinal desde o final dos anos 90. De acordo com a extesionista, “as artesãs queriam uma forma de ter renda, ter um complemento de renda, e elas tinham a vontade de trabalhar com lã”. Nesse mesmo sentido, uma das artífices entrevistadas declarou: “nós já tínhamos vontade de ganhar dinheiro, já tinha tentado outras coisas, fazia pão, chocolate, doce, queijo, imagina tu ficar aqui no interior sem ganhar nada? Daí com a ideia da lã, eu não me vejo fazendo outra coisa” (Entrevista Artesã Ângela).

O relato da artesã supracitada demonstra o que Paixão e Eggert (2011) e Cunha (2012) vêm discutindo através do resultado de pesquisas com artífices mulheres: a necessidade de buscar alternativas de trabalho e renda como principal motivação para tornarem-se artesãs, especialmente no espaço rural, onde a oferta de serviço para o público feminino é ainda mais escassa do que no meio urbano. Trazendo para o contexto do presente artigo, tem-se a valorização do fazer artesanal dessas mulheres, já amplamente baseado no uso da lã, matéria-prima de uso tradicional na Região Sul.

A artesã Ângela segue sua narrativa e destaca: “nós, eu e a Geralda (nome fictício), já fazíamos xergão, algum cobertor e tapete de lã, mas não com a qualidade de agora”. A

primeira iniciativa da extensão rural foi a busca de cursos de aperfeiçoamento das técnicas de artesanato em lã, através do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). As mulheres da comunidade do Faxinal tiveram acesso aos cursos de tecelagem com lã crua, tingimento e pintura em tecido e artesanato em macramê, tricô, crochê, dentre outros, ofertados pelos instrutores do SENAR.

Através dos cursos de capacitação, elas aprenderam técnicas importantes como: a) realizar corretamente o processo de lavagem da fibra animal, para que toda a lanolina⁵ seja removida, evitando mal cheiro nos produtos; b) cardagem⁶ da lã, que consiste no destrinchar das fibras, desfazendo-se os nós e completando-se a limpeza das mesmas, retirando-se as impurezas ainda existentes; c) fazer o fio, ou seja, transformar os velos de lã em fio, utilizando a roca⁷; e d) tecer uma peça, fazendo uso de teares⁸ de diferentes tamanhos e tipos, inclusive teares de prego.

O aprendizado das técnicas artesanais para posteriormente confeccionar peças com reconhecida qualidade demandou tempo e muita dedicação das artesãs. A artífice Gerusa declara suas dificuldades no início da atividade: “nos cursos era assim, eu levantava de madrugada porque não tinha água em casa, eu lavava roupa no açude e depois ia para o curso, chegava de tardezinha fazia toda a lida e no outro dia cedo estava pronta para ir ao curso, o que eu aprendi a gostar é isso aqui, o artesanato”.

Diante da análise de todo esse processo de formação das artesãs para a confecção das peças, e do seu esforço em buscar rentabilidade, motivação pessoal e valorização de seus saberes, há de se concordar com Lima (2005) quando o mesmo destaca que o artesanato não é mera mercadoria, traz embutido em si valores, crenças e culturas. Ademais, o objeto confeccionado artesanalmente possui uma dupla condição: a) o fato de seu processo de produção ser essencialmente manual; e b) a liberdade do artesão para

⁵ Gordura que fica entre a pele do animal e a lã.

⁶ A cardagem é feita com o auxílio da carda, a qual consiste em duas escovas com fios de aço.

⁷ Roca de fiar é o nome que recebe uma máquina que permite reduzir uma fibra à condição de fio. Esse dispositivo dispõe de uma vara que finaliza num cabeçal no qual a fibra se enrola. Graças a uma roda, uma manivela (ou um pedal) e um suporte que gira, pode-se realizar o filamento.

⁸ Os teares podem ser de diferentes tipos: a) tear de prego, uma peça de madeira com vários pregos em linha, que pode ser utilizado para tecer pequenas peças, como mantas e cachecóis; b) tear de vertical ou de pente liso, é o mais primitivo, consiste em um instrumento com travessas horizontais e verticais de madeira, as travessas verticais servem para dar sustentação ao instrumento e as travessas horizontais para organizar e tecer o fio; c) tear horizontal é um quadrilátero de madeira no qual cruzam-se fios verticais (urdidura ou teia), que estão presos entre os órgãos do tear, com os fios horizontais (trama), que são transportados pela lançadeira (ou navete), que vai entrelaçando esse fio com a teia.

definir o ritmo da produção, a matéria-prima e os instrumentos que irá empregar, e a forma que pretende dar ao produto de sua criação, de seu saber, de sua cultura.

De acordo com a agente de extensão rural, no início, as mulheres dispunham de poucos instrumentos para o trabalho, elas contavam somente com algumas rocas e teares cedidos pela prefeitura. No passado, houve um programa municipal em que foram adquiridos esses instrumentos, os quais se encontravam sem uso há um bom tempo. As mulheres tinham dificuldade em tecer, “eram teares antigos de pedal e pente liso, elas não sabiam enfiar a lã”, conforme relatado pela extensionista. Essas e outras questões foram resolvidas através da implementação do Programa RS/Rural.

Programa RS/Rural

Nos anos 2000, foi implementado pelo Governo do Rio Grande do Sul o Programa RS/Rural⁹, o qual disponibilizava aos municípios recursos financeiros, em alguns casos a fundo perdido, para investimento em ações sociais e de desenvolvimento local, para fins de combate à pobreza e ao êxodo rural. Nesse contexto, o município de São Gabriel solicitou, através da EMATER/ASCAR, a aquisição de instrumentos para a produção artesanal em lã, destinando-os às mulheres artesãs.

Através dos recursos recebidos do programa, foram adquiridas cardas, rocas e máquinas de costura, para realizar o acabamento das peças, e quatro diferentes tipos de teares, para proporcionar a confecção de uma maior variedade de produtos. Com os equipamentos em mãos, foram organizadas algumas unidades produtivas de artesanato em lã e em cada unidade trabalhavam três artífices.

Em 2002, após essa estruturação e transcorridos cinco anos de capacitação das mulheres rurais, ocorreu, no Estado, uma campanha do agasalho, desenvolvida através da parceria entre a Prefeitura de São Gabriel, a Cooperativa de Lã de São Gabriel (Tejupá), a lanífera da Paramount de Uruguaiana e o Governo do Rio Grande do Sul. A campanha requeria mais de 2.000 cobertores de lã para serem distribuídos a famílias carentes no Estado, e a produção das peças foi dividida entre as artesãs do município de São Gabriel e Uruguaiana.

⁹ O Programa RS Rural originou-se a partir de um acordo de empréstimo do Banco Mundial ao Governo do Rio Grande do Sul. Iniciou-se em julho de 1997 e durou pouco mais de uma década, tendo como meta melhorar o manejo e a conservação dos recursos naturais, de forma integrada com a melhoria das condições de vida das comunidades pobres. Foi concebido em consonância com a política do Banco Mundial de apoio a fundos sociais voltados ao combate à pobreza estrutural, através da transferência de recursos para organizações locais da sociedade civil (GRANDO, 2007).

Esse fato incentivou positivamente as artesãs da comunidade, tendo em vista os ganhos econômicos obtidos com a comercialização das peças e a ampla divulgação de seu trabalho artesanal realizada. O episódio motivou as artesãs a participarem de feiras comerciais, como a Exposição Internacional de Animais, Máquinas, Implementos e Produtos Agropecuários (Expointer), a Exposição Feira Agropecuária (Expofeira) e a Feira e Festa da Ovelha (Feovelha), demonstrando um amadurecimento das mesmas ao confiarem em suas habilidades e na qualidade de seus produtos. De acordo com a narrativa de uma das artífices, “o que produzia no começo, agora mudou bastante” (Entrevista Artesã Gerusa). Outra artesã complementa: “as feiras são importantes para divulgar o trabalho, para a Feovelha e para a Expointer a gente fazia peças em tear de grampada, as mulheres enlouqueciam e faziam muitas encomendas” (Entrevista Artesã Ângela).

Os resultados positivos e o reconhecimento da qualidade das peças confeccionadas atraíram públicos diversificados, questão evidenciada no seguinte relato da artesã: “a gente estava em uma feira em São Gabriel e veio uma senhora e disse: era isso que eu queria. Eu fiz um colete no tear de grampada para a nora dela que mora em Brasília, o artesanato já levou o nome da comunidade bem longe” (Entrevista Artesã Ângela). Os (as) artífices demonstram orgulho das habilidades que desenvolvem. Elas necessitam dessa evolução, pois não lhes conforta a imitação. A habilidade do artesão precisa amadurecer (SENNETT, 2009), e tal maturidade ocorre somente a partir do tempo e da necessidade de cada um.

Além do aperfeiçoamento do trabalho, outro motivo de orgulho dessas mulheres rurais refere-se à independência financeira adquirida. A artesã Germana destaca: “eu comprei muita coisa com o dinheiro do artesanato, eu fiz três quartos e um banheiro lá em casa, coloquei cama de casal, comprei geladeira e freezer, tudo do artesanato”. No relato, fica evidente que o empoderamento do seu saber-fazer gerou ações propositivas e confiança nas habilidades aprendidas, as quais, colocadas em prática através da confecção dos produtos em lã, lhes trouxeram êxito econômico e independência para investirem seus rendimentos da melhor forma, segundo a sua vontade.

Através da análise dos relatos das artesãs, considera-se que, no contexto de São Gabriel, os recursos do Programa RS/Rural foram importantes na estruturação dos “meios produtivos” para a confecção das peças artesanais e para a própria organização das

mulheres em unidades produtivas, facilitando o trabalho das mesmas. Todavia, o referido programa foi uma medida pontual, não se constituindo em uma política pública efetiva destinada ao segmento, pois, com a mudança de governo, não ocorreram novos investimentos no artesanato rural do Estado.

Programa Talentos do Brasil

As intervenções governamentais, em alguns momentos, são necessárias no contexto da produção artesanal, mas dependendo do tipo de intervenção, das ações desenvolvidas e da forma como ocorrem, determinam avanços ou retrocessos nas comunidades, nas suas práticas tradicionais, na confecção e na comercialização das peças confeccionadas. Um dos retrocessos típicos é ocasionado pela descontinuidade das ações e dos projetos executados por determinados programas de governo.

Foi lançado, nos anos de 2006 e 2007, um novo olhar para o artesanato rural no pampa gaúcho com a intervenção do Programa Talentos do Brasil. Tal programa surgiu como um acordo de Cooperação Técnica entre o Ministério do Turismo e o antigo Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), atual Secretaria Especial de Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário, com o objetivo de gerar renda e agregar valor à produção artesanal no meio rural.

O programa contou com alguns parceiros¹⁰, entre eles o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE) e a Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (ASBRAER). De acordo com a Secretaria da Agricultura Familiar (SAF) (2018), o objetivo do programa era capacitar grupos de artesãos que já trabalhavam com elementos culturais de seus territórios, ou seja, que produziam artesanato local com identidade territorial. Nesse sentido, foram realizadas ações em doze estados¹¹ do país, entre eles o Rio Grande do Sul.

No estado sulino, o Talentos do Brasil elegeu o artesanato em lã pura como elemento a ser trabalhado, envolvendo a mão de obra das artesãs de quatro municípios do pampa: São Borja, Santana do Livramento, Uruguaiana e São Gabriel. De acordo com a extensionista da EMATER, o programa contou com o apoio das prefeituras municipais,

¹⁰ Caixa Econômica Federal, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Associação Brasileira da Indústria Têxtil e Confecção (ABIT), Associação Brasileira das Entidades Estaduais de Assistência Técnica e Extensão Rural (ASBRAER), Fundação Mineira de Educação e Cultura (FUMEC), agência alemã de cooperação técnica GTZ e Ministério do Turismo (SAF, 2018).

¹¹ Tocantins, Pernambuco, Bahia, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Sul, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Amapá, Piauí, Rio de Janeiro e Pará (SAF, 2018).

da EMATER de cada município e da Cooperativa de Lã Tejupá, de São Gabriel, e chegou a abranger quarenta e quatro artesãs, contabilizando as artífices de todos os municípios envolvidos.

A execução do projeto ocorreu com recursos do Governo Federal e mediante a organização do SEBRAE junto a estilistas e designers, sendo oferecidos cursos de capacitação para as artesãs dos quatro municípios citados. As capacitações foram concentradas em São Gabriel e contaram com a participação das artesãs da comunidade do Faxinal. O objetivo desses cursos era desenvolver a confecção de peças de lã diferenciadas, com técnicas inovadoras¹², gerando um alto valor agregado aos artigos.

Uma das artesãs relata sobre o projeto: “a vantagem foi que nós aprendemos bastante, chegamos a trabalhar treze dias sem parar, só que as peças foram vendidas por um valor muito alto e nós recebemos muito pouco”. As peças em lã confeccionadas pelas artesãs formaram as coleções Lã Pura, 2006, Crioula, 2007 e Fios de Lã Pura, 2008, e foram comercializadas em feiras de moda de grande abrangência nacional e internacional, como a Fashion Week.

Esse programa resultou em avanços e retrocessos para todas as artesãs envolvidas, inclusive para as mulheres do Faxinal. Nessa época, somente em São Gabriel havia vinte e duas artesãs urbanas e rurais trabalhando no projeto. Atualmente, são seis artesãs trabalhando na comunidade, sem considerar as artífices que confeccionam produtos em lã no meio urbano. Através da análise da pesquisa de campo, algumas percepções ficaram evidentes exemplo, a redução no número de artesãs ocorreu em função da falta de investimento público em relação ao artesanato rural, devido a casos de doença, aposentadoria ou mudança de cidade na busca por melhores oportunidades de trabalho, e a desentendimentos familiares, decorrentes da falta de empoderamento da mulher rural frente ao homem, realidade presente em muitas famílias rurais gaúchas.

Ainda sobre a iniciativa do SEBRAE, constata-se que tal ação conseguiu proporcionar às artesãs o conhecimento de novas técnicas e possibilitou uma agregação de valor aos produtos. Depois que os recursos deixaram de ser repassados e o Programa Talentos do Brasil chegou ao fim, as artesãs passaram a confeccionar peças diferenciadas para um público distinto, tendo em vista a apropriação dos novos conhecimentos, mas

¹² As artesãs aprenderam como fazer tingimento nas peças colocar adereços em osso, couro e crina de cavalo, entre outras técnicas.

nada tão significativo quanto ao padrão das coleções desenvolvidas com o apoio do SEBRAE.

De acordo com a agente de extensão rural, os representantes do programa criaram uma expectativa tão grande nas artesãs que “as mulheres ficaram deslumbradas, pensavam que iam mudar de vida, e depois tiveram que cair na realidade de novo”. Segundo ela, “o designer criou um cenário que é fora da realidade dessas mulheres. Depois que a política pública acaba elas voltam a sua realidade sem saber como proceder e agora onde comercializar esses produtos”. A extensionista ressalta que houve reuniões em que a EMATER entrava em conflito com o SEBRAE, especialmente sobre o tipo de produto que as mulheres estavam criando e o alto valor agregado às peças, um padrão que com o tempo as artesãs não conseguiriam manter.

Existem duas perspectivas sobre o artesanato tradicional, a tradicionalista e a mercadológica. A primeira entende ser “o artesanato uma arte de fazer tradicional que deve ser preservada mediante a manutenção dos lastros sociais nos quais são produzidos”, e a segunda “defende certas inovações estéticas na produção artesanal como meio de inseri-lo no mercado e assegurar sua reprodutibilidade, ainda que em um estado alterado da tradição” (LEITE, 2005, p. 28).

A adoção de políticas voltadas para o artesanato geralmente se orientará por uma dessas perspectivas, sendo que qualquer das opções terá forte influência sobre os (as) artesãos (ãs), na medida em que implicam a manutenção ou a alteração dos seus modos de vida. De acordo com Leite (2005, p. 28), o artesanato tradicional tem valor cultural para o (a) artífice e esse fato exige uma grande sensibilidade para construir novos conhecimentos e novas técnicas sem “ferir os valores, os códigos de comportamento, os saberes, etc., que detém o portador desse saber, o artesão”.

Ao referir-se ao Talentos do Brasil, a artesã Gerusa destaca: “no início esse projeto era novidade, conhecimento também, eu tinha pouco conhecimento e as gurias também. Mas depois que nós sabemos do dinheiro que deu, nós ficamos apavoradas”. O relato demonstra que as mulheres reconhecem a aprendizagem adquirida nesse processo, mas sabem que seu trabalho não foi devidamente valorizado, sendo a decepção sobre as expectativas criadas superior ao aprendizado conquistado. As mulheres entendem que o mundo da moda, dos estilistas e designers, não corresponde ao público que elas atendem com seus produtos artesanais em lã. Tratam-se de cenários mercadológicos distantes e amplamente distintos entre si, que aquele foge à realidade dos circuitos curtos de mercado, que as artífices atendem nas suas relações territoriais.

Essa é uma questão chave quando se trata da intervenção das políticas públicas no âmbito do artesanato tradicional, da valorização do produto artesanal e do artesão e da promoção de uma transformação que viabilize melhores produtos e melhores condições de vida para o artífice, sem contribuir para sua frustração (LEITE, 2005). O mundo da moda soube apropriar-se do saber-fazer das artesãs e dos elementos de identidade territorial da localidade, absorvendo conhecimento empírico e deixando técnicas modernas. Essa troca trouxe novas percepções, mas não transformaram de forma consistente e duradoura a realidade do artesanato rural no pampa gaúcho.

Cooperativismo e Associativismo: contribuição e desafios para o artesanato em lã em São Gabriel

As interações com o cooperativismo e com o associativismo contribuem para o desenvolvimento do artesanato local, bem como para a promoção da comercialização dos produtos através dos circuitos curtos de mercado. Além disso, a comunidade busca a valorização dos produtos artesanais, dos seus saberes e das formas de fazer através das relações de reciprocidade entre seus sujeitos. A reciprocidade entre as artesãs se verifica na prática da solidariedade, no convívio social e no estabelecimento da confiança do trabalho em conjunto, no qual os saberes são compartilhados (SABOURIN, 2009; TEDESCO, 2012). Tratam-se de valores impressos nesse território, a partir da identificação do grupo social das artesãs da comunidade rural de São Gabriel.

Nesse sentido, as relações sociais e de reciprocidade são importantes na produção e na organização de espaços comerciais para os produtos artesanais. O trabalho em conjunto desenvolvido entre artesãos (ãs) acontece de diferentes formas, gerando um sentimento de cooperação, que pode ocorrer no ambiente doméstico (sistema de trabalho familiar) e nas relações de vizinhança (produção coletiva e/ou divisão de instrumentos de trabalho), criando um sentido de comunidade.

Em São Gabriel, as artesãs da comunidade do Faxinal fazem uso das relações sociais e do trabalho em conjunto para manter a produção artesanal em lã e estabelecer a estratégia de comercialização. As mulheres trabalham em grupo para potencializar o uso dos teares, das rocas e das máquinas de costura, em dois locais de produção, sendo um deles a sede da Associação de Agricultores Familiares e Artesãos do Faxinal, Rincão de Santa Catarina e Timbaúva (AFARTI), e o outro a residência de uma das associadas.

O associativismo é um movimento social que surge a partir da necessidade do homem de superar as dificuldades e as individualidades, configurando-se como um meio de organizar pessoas e grupos com os mesmos objetivos. O associativismo visa à adoção de formas de agir em conjunto, estimulando a confiança, a ajuda mútua, o fortalecimento e o empoderamento das pessoas (RECH, 2000).

Já o cooperativismo ocorre quando um grupo de pessoas se une e forma uma cooperativa, que é uma empresa de sociedade coletiva com interesses econômicos. As cooperativas são constituídas por pessoas, a partir de um movimento econômico e social, em que a cooperação se baseia na participação dos associados (RECH, 2000).

Para potencializar a comercialização das peças em lã, as mulheres recorrem às relações desenvolvidas com a Cooperativa de Lã Tejupá. Essa cooperativa trabalha com a comercialização de produtos agropecuários (rações, artigos veterinários, artefatos para o trabalho no campo, entre outros) e com a compra de lã de ovinocultores do território do pampa. A Tejupá realiza a compra da lã logo após a tosquia da ovelha, repassando a fibra animal para as laníferas realizarem a limpeza industrial. Depois desse processo, as artesãs compram a lã em velos, fazem o fio na roca e tecem a peça no tear.

A associação foi criada no ano de 2009 pela iniciativa de artesãos (ãs), agricultores e pecuaristas familiares de três comunidades vizinhas. Atualmente, a AFARTI é presidida por um pecuarista familiar e artesão da comunidade de Faxinal, esposo de uma das artesãs, sendo o casal um dos fundadores da entidade. A instituição foi fundada a partir do curso de associativismo ofertado pelo SENAR e realizado por artesãos (ãs) e pecuaristas familiares das três comunidades citadas.

Considerando a relação das mulheres artesãs e dos demais pecuaristas familiares do município com as duas instituições supracitadas, é importante salientar em que sentido as mesmas têm contribuído para a manutenção da produção e da comercialização dos produtos artesanais em lã na comunidade de Faxinal. Além disso, é importante ressaltar que esses pecuaristas familiares também possuem relação com a lã, seja através da criação de ovinos, da tosquia ou da produção artesanal de pelegos para a encilha do cavalo.

A Cooperativa de Lã Tejupá

Ao referir-se à Cooperativa de Lã Tejupá, as artesãs e a extensionista destacam a mesma como uma apoiadora do artesanato em lã em São Gabriel. Além de participar das ações já mencionadas (Programa Talentos do Brasil e campanha do agasalho do Governo do Estado), as quais tiveram a Tejupá como umas das instituições intermediadoras do

processo, durante os anos de 2005 a 2008, a cooperativa cedeu, de forma gratuita, uma sala para a comercialização das peças em lã produzidas no município.

Nas palavras da agente de extensão rural: “nós tínhamos um grupo informal de artesãs na cooperativa, onde elas tinham uma sala para comercializar, era informal, mas muito bem organizado, elas tinham um fundo de reserva, elas tinham escala de trabalho”. O grupo era composto por artesãs urbanas e rurais e, como o processo artesanal exige um grande tempo de trabalho para a confecção das peças, era necessário realizar um rodízio para se organizarem e venderem seus produtos na sala comercial que funcionava junto à cooperativa.

A divisão de tarefas entre as artesãs urbanas e rurais foi bem-sucedida durante três anos. A partir desse período, começaram a ocorrer atritos em função da escala de pessoas alocadas para o ponto comercial. As artífices do rural declararam que, devido às distâncias do perímetro urbano e ao custo do transporte, não poderiam participar da escala de trabalho na sala comercial e, assim, acertaram em pagar os gastos para uma pessoa da cidade cuidar das vendas daquele espaço nos dias em que caberia a elas, artesãs rurais.

A alternativa funcionou por um tempo, porém, surgiram desentendimentos em razão de valores e custos, e a sala comercial acabou sendo esvaziada. A extensionista ressalta que “as pessoas já sabiam a qualidade do produto, vinham naquela sala e compravam o produto, o público que consumia era um público de fora, as pessoas já sabiam daquele ponto”. As artesãs rurais, então, ficaram sem um ponto comercial na cidade e a comercialização de grande parte de seus produtos passou a ocorrer sob encomenda.

Quando a sala comercial foi colocada à disposição das artesãs, houve um diálogo entre as artífices urbanas e rurais, os extensionistas da EMATER do município e os representantes da Cooperativa Tejupá, mas, no encerramento das atividades, não houve nenhuma mediação das duas instituições frente aos conflitos entre as artesãs. A extensão rural contemporânea deve ir além da assistência técnica, buscando também caminhos alternativos, alicerçados em uma nova postura pedagógica dos profissionais, ancorada na mediação. Contudo, muitos agentes de extensão rural ainda possuem dificuldades em adaptar-se ao papel de mediadores de conflitos.

As mulheres do Faxinal continuam comercializando com a Tejupá os xergões por elas produzidos. Segundo as mesmas, são solicitadas várias encomendas do produto ao

ano e a cooperativa vende as peças em seu espaço comercial, junto aos demais produtos agropecuários. A artífice Carmem destaca: “o xergão que fizemos entregamos para a cooperativa, é um dinheiro certo, vai uma remessa grande em cada encomenda, eu faço o xergão e a Augusta (nome fictício) faz o acabamento, dividimos o dinheiro”.

As estratégias de comercialização das peças artesanais ficam a cargo das encomendas realizadas e da participação em feiras, que nem sempre são uma boa opção, pois dependem de uma quantidade de peças já confeccionadas e do dispêndio de custos para o deslocamento e a hospedagem. Ao se deslocarem até os mercados urbanos e participarem das feiras em outras regiões, longe da sua origem, os (as) artesãos (ãs) passam a enfrentar a insegurança nas relações comerciais, já que precisam “atuar” em um mercado diferente daquele que conhecem e no qual sabem como se relacionar (CANCLINI, 1983).

A Tejupá continua contribuindo para as vendas das confecções em lã através da intermediação de encomendas e da comercialização dos produtos, visto que muitos clientes realizam pedidos de peças por meio dos funcionários da cooperativa. A intermediação ocorre mediante a elaboração de uma agenda de pedidos, que são repassados para as artífices, as quais confeccionam as peças e entregam na sede da cooperativa. Os funcionários, por sua vez, repassam o produto para o cliente, recebem o valor e o entregam para as artesãs. E esse serviço é realizado sem nenhum ônus para as mulheres do Faxinal.

As encomendas também são feitas através das redes sociais (Facebook), pelo telefone (WhatsApp) e por intermédio de familiares que residem em outros municípios do Estado. A artesã Ângela destaca a importância de tais recursos no seguinte depoimento: “a internet tu nem sabe, recebemos encomenda pelo whats, pelo face, por telefone e pela cooperativa. A mulherada acha nosso número e encomenda. A ruana é fora de sério, nesse ano como a gente vendeu ruanas”. Já a artesã Germana, relata: “eu vendo muitas peças para Caxias do Sul (RS), meu filho trabalha lá e manda o pedido, eu faço a ruana e o pala no verão para mandar no inverno, se não é assim não dá tempo, eu faço e deixo pronto”.

Essa forma de relação com o mercado faz parte dos chamados circuitos curtos de mercado, em que os atores locais conseguem atuar na economia regional, aproximando os espaços de produção e de consumo, reduzindo as distâncias percorridas pelos produtos, aumentando as relações de reciprocidade entre quem produz e quem consome e retirando do mercado a figura do atravessador (BAVA, 2012). No caso dos produtos artesanais, os

circuitos curtos de mercado proporcionam a valorização dos saberes dos artesãos, dos produtos e da mão de obra nos territórios, promovendo o desenvolvimento local através da estruturação econômica dos grupos de determinada localidade.

Além disso, as formas de inserção no mercado, relatadas pelas artesãs, são destacadas por Tedesco (2012) como estratégias de reprodução da agricultura familiar ou camponesa, a qual busca canais alternativos para a venda de seus produtos, tais como os circuitos curtos de mercado, dinamizando valores e sociabilidades humanas no seu entorno social e fazendo bom uso das relações de parentesco e de vizinhança e do sentido de comunidade. Tratam-se de estratégias encontradas pelos camponeses artesãos para se manterem no meio rural.

Essas relações também demonstram a tradição e a modernidade integradas e a inserção dos produtos rurais no espaço urbano, valorizando peculiaridades históricas, especificidades e diferenciações. Assim, entende-se a aquisição pelo consumidor moderno do artesanato tradicional produzido no campo e sua utilização no espaço urbano como um fato que demonstra a ressignificação do uso das peças produzidas artesanalmente em lã no cenário contemporâneo, diferente do sentido de utilidade do cotidiano, tal como ocorria no passado.

Associação de Agricultores Familiares e Artesãos do Faxinal, Rincão de Santa Catarina e Timbaúva (AFARTI)

A associação possui trinta e seis associados entre homens e mulheres, artesãos (ãs), agricultores e pecuaristas familiares. Atualmente, possui seis mulheres artesãs e dois homens artesãos, e os demais associados são agricultores e/ou pecuaristas familiares, os quais pertencem às comunidades rurais do Faxinal, Rincão de Santa Catarina e Timbaúva. O objetivo da criação da associação é apoiar seus sócios na compra e venda de produtos e divulgar o trabalho das artesãs da comunidade.

A associação procura trabalhar em conjunto com a EMATER/ASCAR, o Sindicato dos Trabalhadores Rurais (STR) e a Prefeitura Municipal. Por meio dessas parcerias, a entidade tem conseguido acessar vários projetos voltados para os (as) artesãos (ãs) e para os agricultores e pecuaristas familiares. Seu presidente cita algumas dessas ações importantes para a comunidade: a aquisição gratuita de mudas de pastagens perenes, possibilitando melhor alimentação para o rebanho bovino e ovino; a aquisição

de insumos agropecuários com baixo custo e a compra da semente de milho através do Programa Troca-Troca do Estado.

O trabalho de mediação com o poder público municipal e outras instituições é uma das ações realizadas pela AFARTI. A associação busca dinamizar estratégias de caráter coletivo, tanto na produção quanto na integração entre associados e entre áreas rurais, estimulando e intermediando a realização de cursos de qualificação e de aprendizagem para os seus membros e para a comunidade em geral.

De acordo com o presidente da AFARTI, essas conquistas devem ser atribuídas ao trabalho em grupo e ao fato de as reivindicações serem realizadas de forma organizada. Na sua interpretação, a comunidade percebe os benefícios da forma associativa, a “associação é um processo muito importante para as pessoas, para tentar desenvolver alguma coisa na comunidade, sozinho não é fácil, não se faz nada” (PRESIDENTE DA AFARTI).

Os dois artesãos do local trabalham com a confecção de xergão e pelego, utensílios importantes para a encilha do cavalo, comercializando os mesmos através da Cooperativa Tejupá e, sob encomendas. Ambos são pecuaristas familiares e possuem na produção artesanal em lã uma complementação de renda, não sendo esta a principal atividade econômica da família.

Um dos artesãos explica que os produtores de ovinos levam a pele suja, logo após ser retirada do animal, para que seja realizada a lavagem e o curtimento do pelego. Segundo ele, “fazer a lavagem e o curtimento do pelego agrega valor ao produto, renda para a família. Uma pele suja vale R\$ 5,00 no máximo, aí tu lavas, curte e vende a mais de R\$ 100,00”. No curtimento artesanal, emprega-se um pequeno número de substâncias químicas ou vegetais, utilizadas em quantidades reduzidas, além de equipamentos adaptados, facilmente encontrados na propriedade rural. A pele curtida através desse processo tem boa aceitação no mercado.

O artesão tradicional reproduz os padrões culturais aos quais pertence, e por isso, ele interpreta as técnicas e, tradicionalmente, conserva-as, sente-as como parte de sua história (VIVES, 1983). O artesão e presidente da AFARTI segue sua análise, valorizando seu fazer aprendido de seus antepassados, através das seguintes palavras.

Isso vem da minha família, minha vó, minha mãe, é uma coisa boa, é um aproveitamento das coisas daqui. O trabalho em lã é milenar, a gente foi vendo e quando surgiu a oportunidade a gente incentivou, eu ajudo reformar a roca, o que precisar (Entrevista Presidente da Associação).

O sentido de tradicional, atribuído pelo relato do artesão, não o atrasado, mas sim ao original, àquilo que o mundo moderno busca para diferenciar o produto artesanal do produto da cultura global, conferindo-lhe valores, simbolismos e significados da cultura local. Portanto, a produção é ao mesmo tempo tradicional e contemporânea, pois está presente na sociedade e, quando se materializa em peças artesanais, reflete uma dimensão criativa e simbólica, tanto cultural quanto econômica e mercantil.

Em relação às mulheres artesãs, a associação contribui para a compra da lã das laníferas e demais compras necessárias, pois a aquisição da fibra animal através da associação barateia os custos dessa transação. Além disso, a associação promove a divulgação do trabalho das artífices na sua página na internet e nas redes sociais. Também realiza eventos em parceria com a EMATER de São Gabriel, como o Encontro da Mulher Rural, cujo objetivo é estimular sua integração, valorizar o seu trabalho e aumentar sua autoestima.

As artesãs ressaltam que a associação é importante no sentido de noticiar o trabalho das mulheres, conforme uma das artífices destaca: “onde tem o cartaz da AFARTI tem as nossas mãos na lã” (Entrevista Artesã Gerusa). Percebe-se, na referida fala, clara referência ao banner da associação, que possui como símbolo as mãos das artesãs segurando rolos de lã. Ao trabalho de qualidade e à boa divulgação de seus produtos essas mulheres atribuem a procura pelas peças que confeccionam, de acordo com o seguinte depoimento: “as pessoas encomendam e as pessoas compram, não interessa a distância, a gente mora a 65 km da cidade de São Gabriel, se a pessoa tem trabalho de qualidade, ela vende, as pessoas gostam”.

O reconhecimento da qualidade de seu próprio trabalho demonstra o amadurecimento das técnicas artesanais das artesãs, assim como a estratégia da associação em valorizar o trabalho das mulheres – as mãos na lã, naquela relação que Sennett (2009) destaca como um perfeito vínculo entre “mão” e “cabeça”, e a imagem da “mão inteligente”, ressaltam a criatividade e a habilidade das artesãs proporcionadas pela prática, pelo aprender a fazer fazendo.

Considerações finais

As transformações no mundo do trabalho artesanal têm suas próprias dinâmicas em razão da peculiaridade e da heterogeneidade do artesanato. No território do pampa gaúcho, a produção de ovelha e o artesanato produzido a partir da lã são marcas da tradição e da identidade dessa região. A continuidade do artesanato em lã no mundo contemporâneo passa pela ressignificação do sentido de uso das peças, abrangendo um mercado consumidor ávido por produtos autênticos e exclusivos, sem deixarem de ser tradicionais.

O saber e o fazer das mulheres na confecção das peças em lã são aspectos característicos dessa tradição, porém, hoje, a finalidade da produção diferencia-se daquela do passado, as peças eram confeccionadas de forma rústica e por necessidade. Na atualidade, o artesanato configura-se como uma alternativa de renda para as famílias rurais, atingindo um público diferenciado. Os (as) consumidores (as) desses produtos apreciam a produção autêntica das peças em lã, reconhecidas pelo público que possui identidade com os elementos simbólicos do pampa e pelos turistas que valorizam seu caráter cultural e seus atributos locais e regionais.

Na comunidade do Faxinal, as mulheres decidem sobre os processos de criação/produção e comercialização das confecções, não repassando seus produtos para atravessadores. Os produtos (palas, capinhas, ruanas, mantas, echarpes, cobertores, entre outros) são vendidos de forma direta ao consumidor final, o que permite agregar valor às peças.

Essas artesãs enfrentam como principal empecilho para um maior crescimento econômico, a falta de um ponto comercial específico no espaço urbano. Essa questão está atrelada à irregular assistência das políticas públicas e à desarticulação das entidades apoiadoras do tradicional artesanato em lã em São Gabriel. Intervenções como a do Programa RS/Rural, com aportes de recursos, em que a comunidade decide onde e como aplicá-los, são importantes para o desenvolvimento do artesanato em lã, porém, o referido programa tornou-se apenas uma medida paliativa, uma ação pública pontual e sem continuidade.

Já programas com ações determinadas fora do ambiente das artesãs, que são estruturadas de forma vertical e por sujeitos que desconhecem o contexto artesanal, como o Programa Talentos do Brasil, acabam por trazer mais retrocessos do que propriamente avanços. O mundo da moda, através dos estilistas e designers, criou um cenário muito distante do cotidiano da artesã rural, em relação ao qual elas não possuem bases de formação, de relações e de abrangência de mercado e marketing de produtos, para dar

sequência ao novo padrão de produção e comercialização que lhes foi apresentado. Tratam-se de realidades diferentes e padrões de saberes e identidades amplamente distintos entre si.

A extensão rural teve um papel fundamental na articulação do artesanato rural junto aos cursos de capacitação das artesãs e ainda propiciou momentos de integração entre as mulheres, contribuindo para a construção do processo de autoconfiança das mesmas. A relação de reciprocidade das artífices com a extensionista demonstra um trabalho que evolui com o tempo, no qual a extensão rural apresenta para essas mulheres o valor do seu trabalho e dos seus saberes.

As mulheres artesãs alcançaram, através do tempo e do aprendizado em conjunto, um empoderamento em suas relações sociais, econômicas e de produção de artigos artesanais. Nas questões sociais, conseguiram participar da associação AFARTI e construir relações com a cooperativa Tejupá, além de estreitar laços de reciprocidade e solidariedade entre o grupo de mulheres da comunidade e com a entidade de extensão rural do município, bem como buscar cursos de capacitação e o fortalecimento dos canais de comercialização com base nos circuitos curtos de mercado.

No que se refere às conquistas econômicas, as artífices relatam com orgulho os ganhos financeiros e a independência em relação aos esposos, sendo tal fato expresso através do poder de compra dessas mulheres. Ademais, tais realizações contribuíram para aumentar a autoestima da mulher rural, mediante o reconhecimento e a valorização do seu próprio trabalho e de seus saberes.

Essa valorização e a maior autoestima das artesãs também estão atreladas às várias capacitações (cursos) e ao aprendizado em conjunto. As mulheres da comunidade têm consciência de que seus produtos possuem mais qualidade agora do que em tempos passados, e que tal qualidade é fruto do seu esforço em buscar capacitação em relação às técnicas de produção artesanal.

Sobre a relevância da associação e da cooperativa para o artesanato em lã, é evidente que a AFARTI é uma conquista da comunidade, considerando que seus os sujeitos, inclusive as artífices, buscaram primeiramente se capacitarem, através do curso de associativismo, para depois criarem a instituição, a fim de ter possuírem uma representação social frente às adversidades e na busca pela solução dos problemas do grupo. A cooperativa, embora demonstre seu apoio às artesãs através da compra de

produtos (xergão) e da intermediação na comercialização das peças em lã, já foi mais atuante na defesa do artesanato rural.

Por fim, é preciso destacar as transformações que o artesanato em lã provocou na vida das mulheres artesãs e em suas famílias, mas também cabe ressaltar que a cooperativa, a associação, a EMATER e a prefeitura precisam apoiar o artesanato em lã de forma integrada, promovendo estratégias e mediações entre as instituições locais e regionais, com objetivos comuns e consistentes, como a comercialização dos produtos artesanais em lã em um ponto fixo de venda em São Gabriel e a participação em feiras comerciais na região, sendo essas as necessidades mais significativas relatadas pelas artesãs do Faxinal.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, C. T. *Economia Solidária: A importância do artesanato em lã para o desenvolvimento sócio-econômico-cultural sustentável de Santana do Livramento/RS*. (Trabalho de Conclusão de Curso), Ciências Econômicas, UNIPAMPA, Santana do Livramento, 2016.

BAVA, S. C. Circuitos Curtos de Produção e Consumo. In: BARTELT, D. D. (org). *Um Campeão Visto de Perto: Uma Análise do Modelo de Desenvolvimento Brasileiro*. Rio de Janeiro. Heinrich-Böll-Stiftung, Editora e Gráfica, 2012.

CANCLINI, N. G. *As culturas populares no capitalismo*. São Paulo. Editora Brasiliense, 1983.

CORTÊS, J.C.P. *O gaúcho: danças trajés artesanato*. Porto Alegre, Rio Grande do Sul. (S/D). 376 p.

CHOMENKO, L. Transformações estruturais no pampa. In: WIZNIEWSKY, C. R. F; FOLETO, E. M. (Org)s. *Olhares sobre o pampa: um território em disputa*. Porto Alegre. 1.ed.: Evangraf, 2017. 258 p.

CUNHA, A. M. *O artesanato, suas estratégias de comercialização e constituição enquanto produto turístico da agricultura familiar em Pelotas, Pedras Altas e Jaguarão – RS: os casos do ladrilã e das redeiras*. (Dissertação de Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, UFRGS. Porto Alegre, 2012.

FAGUNDES, A. A. *Curso de tradicionalismo gaúcho*. Porto Alegre, Martins Livreiro, 1995.

GRANDO, M. Z. *Os resultados socioeconômicos do RS Rural*. Disponível em: <<https://www.fee.rs.gov.br/3eeg/Artigos/m16t04.pdf>>. Acesso: 20 de maio de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Censo Populacional 2010*. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/sao-gabriel/panorama>>. Acesso: 14 de mar. 2018.

LEITE, P. R. Modos de vida e produção artesanal: entre preservar e consumir. In: Artesanato Solidário/ArteSol (Org.). *Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição*. São Paulo, 2005.

LIMA, R. G. Artesanato de tradição: cinco pontos em discussão. In: Artesanato Solidário/ArteSol (Org.). *Olhares itinerantes: reflexões sobre artesanato e consumo da tradição*. São Paulo, 2005.

PAIXÃO, M; EGGERT, E. A hermenêutica feminista como suporte para pesquisar a experiência das mulheres. In: EGGERT, E (Org)s. *Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul*. 1. ed.–Editora EDUNISC. Santa Cruz do Sul, 2011. 108 p.

PREFEITURA DE SÃO GABRIEL. *Economia*. 2018. Disponível em: <http://www.saogabriel.rs.gov.br/Portal/conheca/economia.html>. Acesso: 14 de mar. 2018.

RECH, D. *Cooperativas: uma alternativa de organização popular*. Editora DP&A Rio de Janeiro, 2000. p. 190.

SABOURIN, E. *Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade*. Rio de Janeiro, Garamond, 2009.

SAINT-HILAIRE, A. *A viagem do Rio Grande do Sul*. Tradução de Adroaldo Mesquita da Costa. Porto Alegre, 1987. 496 p.

SECRETARIA DA AGRICULTURA FAMILIAR. *Talentos do Brasil*. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/secretaria/saf-talentos/grupos-produtivos-apoiados>. Acesso: 15 de mar. 2018.

SENNETT, R. *El artesanato*. Tradução de Marco Aurélio Galmarini. Barcelona: Anagrama, 2009. 202 p.

TEDESCO, J.C. Saberes e fazeres entre os afazeres: a dinâmica e os sentidos de produtos artesanais entre camponeses do norte e nordeste do RS. *Anais*. 36º Encontro Anual da Anpocs, GT 20: Metamorfoses do rural contemporâneo, 2012. Disponível em: www.anpocs.com/.../36...anpocs/.../8068-saberes-e-fazeres-entre-os-afazeres-a-dinami. Acesso: 13 de mar. 2018.

TEIXEIRA, E. C. O Papel das Políticas Públicas no Desenvolvimento Local e na Transformação da Realidade. Disponível em: <<http://www.aatr.org.br/papelpp.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2018.

VARGAS, D. L. *Tecendo tradição: artesanato e mercado simbólico em uma comunidade rural do pampa gaúcho*. (Tese de Doutorado), Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, UFSM, Santa Maria, 2016.

ZATTERA, V.B.S. *Cone Sul: adereços indígenas e vestuário tradicional*. Editora Pallotti. Porto Alegre. 19 9. 229 p.
